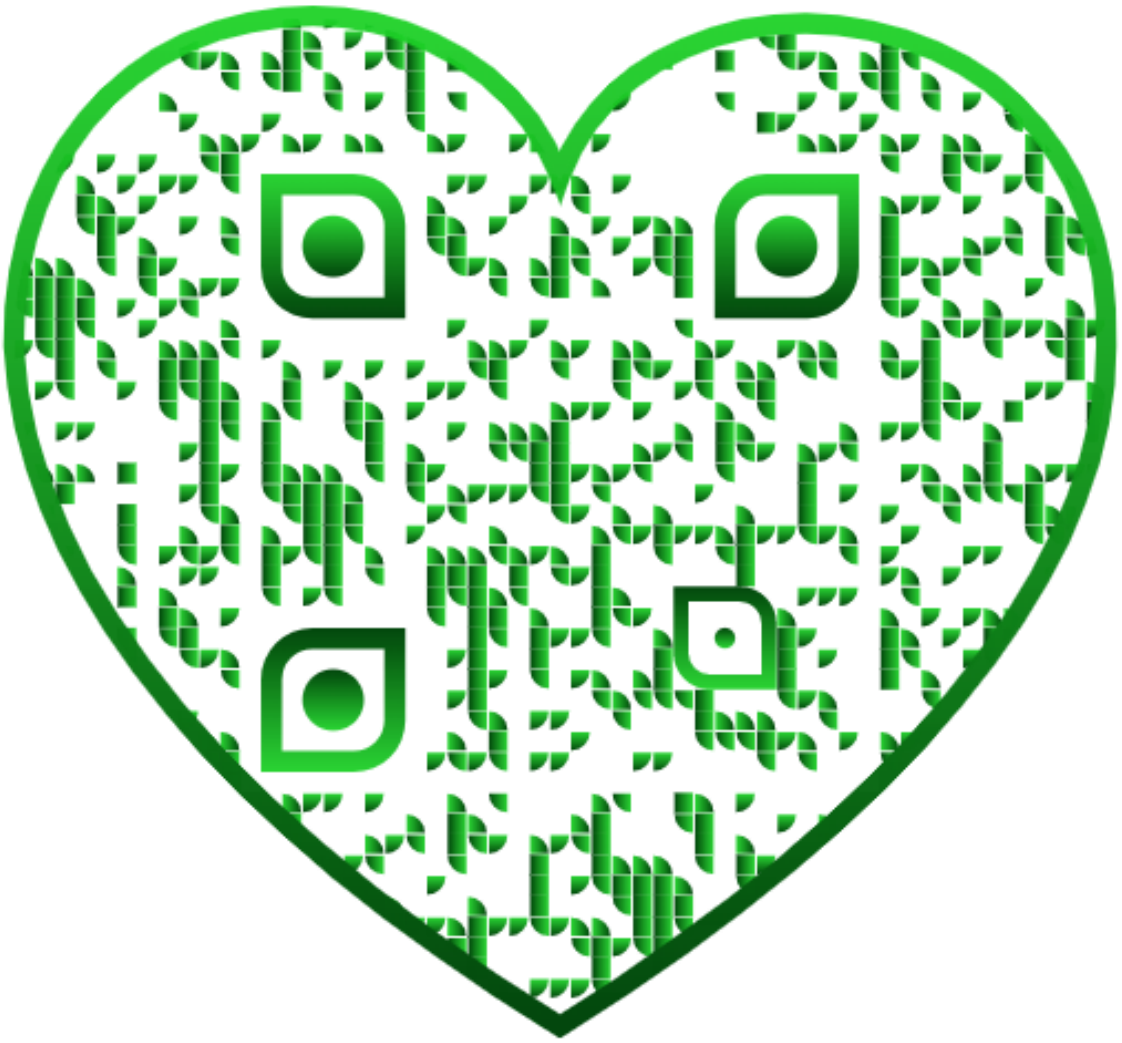
JESUÍTAS BRASIL

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)
Ano 22 | nº 359 | vol. 22 | 2024

Teoria dos Quatro Cosmogramas

Moysés Pinto Neto



Cadernos
IHU ideias
ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)
Ano 22 | nº 359 | vol. 22 | 2024

Teoria dos Quatro Cosmogramas

Moysés Pinto Neto

Doutor em Filosofia pela PUCRS, editor do canal Transe e da plataforma educacional Alternativa Hub

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU
Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias
Ano XXII – Nº 359 – V. 22 – 2024
ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos
Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.
Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).
Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado
Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues
Imagem da capa: Pxhere
Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Teoria dos Quatro Cosmogramas

Moysés Pinto Neto

RESUMO: O presente texto busca apresentar o que irei chamar, de modo simples e direto, teoria dos quatro cosmogramas. Ele colabora para uma área de estudos que poderíamos denominar como "política cósmica". Trata-se de um esforço de simetrização que abdica do eixo tradicional da filosofia para aventurar-se em comparações que não pressupõem uma fundamentação última. As inspirações deste exercício são Danowski e Viveiros de Castro, 2014; Frase, 2016; Descola, 2016; Latour, 2020; Bensusan, 2020; Strathern, 2019; Sahlins, 2022; Bispo dos Santos, 2019; Krenak, 2020; Charbonnier, Salmon & Skafish, 2016. O texto apresenta, a partir do cruzamento das categorias imanência/transcendência e concreto/abstrato, um mapa dos quatro cosmogramas: indígena, edenista, digitalista e supremacista. Procura, em seguida, defini-los nas suas principais características. Ao final, cruza novamente os cosmogramas a partir dos vetores imanência/transcendência e material/espiritual.

PALAVRAS-CHAVE: Cosmogramas. Indígenas. Edenismo. Digitalismo. Supremacismo.

Theory of the Four Cosmograms

Moysés Pinto Neto

ABSTRACT: This essay presents what I will call, in a simple and direct way, theory of the four cosmograms. It contributes to an area of studies that we could call "cosmic politics". It is an effort at symmetrization that gives up the traditional axis of philosophy to venture into comparisons that do not presuppose an ultimate foundation. The inspirations for this exercise are Danowski and Viveiros de Castro, 2014; Frase, 2016; Descola, 2016; Latour, 2020; Bensusan, 2020; Strathern, 2019; Sahlins, 2022; Bispo dos Santos, 2019; Krenak, 2020; Charbonnier, Salmon & Skafish, 2016. The text presents, from the crossing of the categories immanence/transcendence and concrete/abstract, a map of the four cosmograms: indigenous, Edenist, digitalist and supremacist. It then seeks to define them in their main characteristics. In the end, it crosses the cosmograms again based on the immanence/transcendence and material/spiritual vectors.

KEYWORDS: Cosmograms. Indigenous. Edenism. Digitalism. Supremacism.

Teoria dos Quatro Cosmogramas

Moysés Pinto Neto

Doutor em Filosofia pela PUCRS, editor do canal Transe e da plataforma educacional Alternativa Hub

1. O presente texto busca apresentar o que irei chamar, de modo simples e direto, *teoria dos quatro cosmogramas*. Ele colabora para uma área de estudos que poderíamos denominar como "política cósmica". Trata-se de um esforço de simetrização que abdica do eixo tradicional da filosofia para aventurar-se em especulações que não pressupõem uma fundamentação última, atuando de forma comparativa e relativista. As inspirações deste experimento são: Danowski e Viveiros de Castro, 2014 e 2020; Frase, 2016; Descola, 2016; Latour, 2020; Bensusan, 2020; Strathern, 2019; Sahlins, 2022; Bispo dos Santos, 2019, 2023; Krenak, 2020; Charbonnier, Salmon & Skafish, 2016.

2. O século XXI marca a emergência de um novo tabuleiro político a partir da intrusão de elementos estranhos ao universo moderno. Enquanto a Modernidade objetivava exteriorizar o não-humano e fazer da política uma disputa discursiva entre seres racionais – *incluída, nisso, sua dissidência pós-moderna* – o cenário contemporâneo aponta para a intrusão cada vez maior de agentes não-humanos, além de interações para além da linguagem e da razão, tornando-se mais complexa e ainda difícil de mapear. Antropoceno, inteligência artificial, intrusão de Gaia, automação geral, repovoamento da Terra, queda do céu, renascimento do futuro e pandemia são algumas das palavras que poderiam definir esse novo habitar o mundo, ou os mundos, desafiando as construções que reduziam a política à disputa pelos governos regradas pelos jogos de poder habituais.

Não que isso signifique o fim das polarizações com a *pax* mundial conquistada – ao modo da grande festa liberal que tomara conta do mundo com o "Fim da História" nos estertores do século XX. Ao contrário. A rigor, são as polarizações que invadem agora domínios antes nunca visitados, produzindo a confrontação de modos de existência percorrem e cruzam inclusive a antiga borda que separava natureza e cultura.

3. Desde então, muito resumida e simplificadamente, venho tentando realizar um experimento monstruoso que combina *especulação filosófica* e *análise comparada de conjuntura*. Por um lado, agrego elementos da filosofia especulativa emergente no início do século, afastando o *gap* entre linguagem e mundo que caracterizou o mundo fenomenológico e analítico do século passado (Charbonnier, Salmon & Skafish, 2016). Por

outro lado, procuro desdobrar em forças e tendências *múltiplas* diagnósticos unidimensionais que cobrem com um guarda-chuvas ontológico todo horizonte político, numa fórmula que cai nas distopias e utopias. Opero, assim, por *desdobramento comparativo*, multiplicando os possíveis no lugar de reduzi-los a um único caminho e/ou racionalidade.

Além disso, a pesquisa inicialmente envolveu uma *retomada* do futuro, no sentido de que a especulação estava expropriada pelas finanças mundiais, único território em que se permitia a antecipação selvagem do porvir. Isso redundou em quatro grandes imagens do futuro, gerando uma figura quadrilátera que remete, com substanciais modificações, à hipótese de Frase (2016) e Descola (2016), mas estando bem mais próxima na caracterização de Danowski e Viveiros de Castro (2014) e Latour (2020). No quadrilátero original, havia o comunismo de luxo, o anarcoindigenismo, o etnofascismo e o aceleracionismo. Porém, o salto nesse texto deve-se à conversão de *partidos cosmopolíticos* (Bensusan, 2020) e *ficções de futuro* (Frase, 2016) em *cosmogramas*, isto é, a disputa passa a integrar a dimensão etogramática cósmica, perpassando como um *mundo* de pleno direito sobre os envolvidos.

4. Busco, assim, cartografar os quatro principais cosmogramas que disputam o tabuleiro dessa *política cósmica* – no sentido de uma disputa que abarca também o não-humano e não-racional – transformando as quatro principais tendências ideológicas do século XX: liberalismo, fascismo, comunismo e anarquismo. Os nomes ainda estão em disputa. Venho os transformando constantemente ao longo de alguns textos, sem encontrar efetivamente uma nomenclatura que me

satisfaça. Provisoriamente, chamarei assim os cosmogramas: indígena, digitalista, edenista e supremacista.

Inicialmente, vou dividi-los a partir de dois marcadores cosmológicos específicos, que são as relações concreto/abstrato e imanente/transcendente.

Digitalista	Abstrato	Imanente
Edenista	Abstrato	Transcendente
Indígena	Concreto	Imanente
Supremacista	Concreto	Transcendente

Ou ainda:

	Abstrato	Concreto	Imanente	Transcendente
Digitalista	+	-	+	-
Edenista	+	-	-	+
Indígena	-	+	+	-
Supremacista	-	+	-	+

As noções de transcendência e imanência são construídas a partir de leituras contemporâneas e mais antigas acerca do problema da Era Axial, no qual há uma ruptura, seguindo a tese de Karl Jaspers (1965), entre as religiões antigas, baseadas no contato imanente com

os espíritos da Terra, e as religiões modernas, baseadas no desenraizamento universalista e abstrato a partir da construção da transcendência (Strathern, 2019; Assmann, 2010; Sahlins, 2022). O efeito da transcendência, seguindo esta linha de raciocínio, é o progressivo desencantamento do mundo (racionalismo, humanismo), enquanto os mundos imanentes seriam povoados pela atribuição de personalidade generalizada (animismo, perspectivismo) (Bispo dos Santos, 2019, 2023; Krenak, 2020). Para além disso, contrasto nessa mesma toada Espírito, espíritos e matéria, entendendo o primeiro como o efeito principal da transcendência. Forma-se assim ***o*** Espírito – escrito em maiúsculo para caracterizar sua excepcionalidade interior, o Sujeito, diante de um exterior desencantado ou até morto --, ***os*** espíritos[1] como formas imanentes das existências irredutíveis à matéria[2], e finalmente a matéria como o dado bruto do mundo[3].

Outra forma de equacionar isso, ainda de modo talvez mais claro, é diferenciar dois tipos de espírito. O Espírito (*Geist*), com maiúscula, é reflexo da introjeção (sujeito moderno) e extrojeção (Espírito Absoluto) da transcendência na História (tempo). E, nisso, caminha lado-a-lado com o desencantamento, purificando-se das "superstições" sobrenaturais em nome da razão e seu par opositivo, a fé (Assmann, 2010, pp. 28-29). Já os espíritos habitam um mundo imanente, mas no seu

1 Que bem poderiam ser chamados também de espectros, cf. Ludueña Romandini, 2016; 2020.

2 "*In what follows, I will use 'spirit' to refer to any embodied or disembodied non-human agency that is experienced, interacted with or is otherwise socially consequential but is not (or not always) mapped onto a single body of the kind that is recognized by Western 'naturalism' as capable of consciousness or agency*" (Szerszynski, 2017). Também Simas & Rufino, 2020.

3 Ver, por exemplo, Danowski e Viveiros de Castro, 2020, Szerszynski, 2017 e Strathern, 2019.

"outro lado", atuando no pluriverso encantado, sem reconhecer uma transcendência. Há infinitos mundos, mas eles são simplesmente dobras cósmicas que dividem as agências em planos distintos. É possível, inclusive, cruzar os planos, saindo da natureza para a sobrenatureza, por exemplo por meio de metamorfoses, alianças, feitiçaria, xamanismo. *Ou seja, os espíritos são sobrenaturais e encantados; o Espírito, transcendente e desencantado.*

5. Cosmograma Indígena: a *concreção imanente*. No começo, havia a imanência.

Primeiro, é preciso notar que por "indígena" não desejamos apenas nos referir aos povos originários das Américas. Indígenas, no caso, são todo e qualquer povo que não se desconecta dos espíritos da terra (Szerszynski, 2017). Segundo Viveiros de Castro, enquanto a palavra "índio" remeteria ao famoso engano dos invasores que acreditavam ter aportado na Índia, indígena seria uma palavra mais antiga que seria "gerado dentro da terra que lhe é própria, originário da terra em que vive". Após contrastar indígena e alienígena, afirma:

> Ser indígena é ter como referência primordial a relação com a terra em que nasceu ou onde se estabeleceu para fazer sua vida, seja ela uma aldeia na floresta, um vilarejo no sertão, uma comunidade de beira-rio ou uma favela nas periferias metropolitanas. É ser parte de uma comunidade ligada a um lugar específico, ou seja, é integrar um 'povo'. Ser cidadão, ao contrário, é ser parte de uma 'população' controlada (ao mesmo tempo "defendida" e atacada) por um Estado. O indígena olha para baixo, para a Terra a que é imanente; ele tira sua força do chão. O cidadão olha para cima, para o Espírito encarnado sob a forma de um

> Estado transcendente; ele recebe seus direitos do alto (Viveiros de Castro, 2016)[4].

Estamos aqui falando das variantes múltiplas que não reconhecem a fissura entre transcendência e imanência, nem a abstração deslocada da concreção. É óbvio a rejeição da abstração não se confunde com irracionalismo ou *primitivismo*, conceito este racista quando aplicado a povos que subsistem e resistem ainda hoje às formas capitalísticas/industriais/modernas de habitar a Terra (Silva, 2022, p. 204)[5]. Tais povos – como deveria ser patente desde pelo menos *O Pensamento Selvagem*, de Lévi-Strauss – têm formas distintas de construir abstrações, pejorativamente relegadas pelo pensamento moderno a categoria de mitos, folclores ou tradições locais. A concreção não é uma operação que está no plano elementar em relação à sofisticação do Ocidente capaz de desvencilhar as ideias das coisas: está ligada a *outro modo de pensar a relação entre pessoas, ideias e coisas*, fundamentalmente ao que Alan Strathern (2009) chama de "a atribuição promíscua de personalidade (*personhood*)", por isso também muitas vezes associada ao animismo (Bensusan, 2017; Stengers, 2017; Descola, 2016), ao antropomorfismo (Viveiros de Castro, 2011),

4 Mbembe também usa indígena no mesmo sentido quando diz "fingindo querer o bem do indígena em lugar dele, o aparato colonial não buscava apenas bloquear seu desejo de viver. Visava também atingir e restringir sua capacidade de considerar a si mesmo como agente moral" (Mbembe, 2020, p. 17).

5 Viveiros de Castro sugere um "primitivismo estratégico" com envolvimento local em contraponto ao monotecnologismo ocidental, uma condição situada da tecnologia que não se confunda com as abstrações universalistas do Espírito (a "criatividade", o "infinito" etc.), em diálogo com o Yuk Hui (2016), que por sua vez constrói o conceito de "cosmotécnica" a partir da experiência chinesa em importante trabalho (Viveiros de Castro & Hui, 2021). Ambos pensadores, cada um a seu modo e em intensidades distintas, contribuem para a "concreção" no sentido aqui exposto, evitando os dualismos.

ao teriomorfismo (Valentim, 2018) e ao panpsiquismo (Shaviro, 2009). "O rio Doce, que nós, os Krenak", diz Ailton, "chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico" (Krenak, 2020, p. 40).

6. Indígenas são, pois, *os povos de Gaia*. Não vivem no mundo desencantado do racionalismo. Ao contrário. O desencantamento aparece como uma força *mortífera* diante de um mundo pleno de vida sob todos os lados. "As encruzilhadas", diz Luis Antonio Simas, "falam ainda de um modo de relacionamento com o real ancorada na crença em uma energia vital que reside em cada um, na coletividade, em objetos sagrados, alimentos, elementos da natureza, práticas rituais, na sacralização do corpo pela dança, e no diálogo do corpo com o tambor" (2020, p. 22). A ascensão do Espírito – desencantamento produzido ao longo do processo de invenção da transcendência – simplesmente não existe aqui. Não falamos de objetos nem de sujeitos. A transcendência não foi inventada e, se foi, deve ser desinventada.

Há uma relação assimétrica entre indígenas e os outros cosmogramas. Enquanto estes apontam para uma espécie de fundo compartilhado, entre os indígenas há infinitos mundos. Este já era o lema zapatista: "*por um mundo em que caibam muitos mundos*". Nesse sentido, o camponês ucraniano atingido por Chernobyl, os Munduruku e os macumbeiros de uma periferia podem ter pouco ou quase nada em comum. A indigenidade dissemina-se ilimitadamente, por cissiparidade: sua relação com a terra, sua posição inexoravel-

mente *situada* faz com que a variação seja impossível de ser enquadrada em uma única forma. Aílton Krenak chega a chamar esses povos de sub-humanidade: "os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta (...). São caiçaras, índios, quilombolas, aborígines – a sub-humanidade" (Krenak, 2020, p. 21). Em contraste com os outros cosmogramas, os únicos pontos que nos permitem falar em indigenidade é sua relação com as tradições em contato com a terra, os mares e o céu, assim como a espiritualização da imanência, a não-invenção do desencantamento. São a "camada mais bruta, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra" (Krenak, 2020, p. 22).

7. Os povos de Gaia não são apenas compostos apenas de humanos. Animais, plantas, espíritos e minerais também habitam esse mundo. Ao contrário da humanidade *abstrata*, Ailton Krenak ressalta "que aquele rio que está em coma também é nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra" (Krenak, 2020, p. 48). Ou Simas & Rufino, quando afirmam que "assim está lançada a tarefa do encantamento: afirmar a vida neste e nos outros mundos – múltiplos feito as folhas – como pássaros capazes de bailar acima das fogueiras, com a coragem para desafiar o incêndio e o cuidado para não queimar as asas. Chamuscados, feridos, mas plenos e intensos, cantando por saber que a vida é voo" (Simas & Rufino, 2020). O pássaro aqui não é apenas uma metáfora:

ele realmente, *literalmente*, pertence ao multiverso indígena que não hierarquiza as pessoas no cosmos. Ele não simboliza; *participa* do evento. Como as abelhas de Chernobyl descrita em depoimento a Svetlana Aleksiévitch ("Vozes de Tchernóbil"):

> O meu avô tinha abelhas, cinco colmeias. Pois as abelhas passaram três dias sem voar, nem umazinha saiu. Ficaram lá dentro das colmeias. Esperando. O avô anda para lá e para cá no pátio: 'Que peste deu nelas? É a cólera? Aconteceu alguma coisa na natureza". Mas foi um vizinho que nos explicou, mais tarde, depois de um tempo, que o sistema delas é melhor que o nosso, veja só, elas ouviram logo. O rádio e os jornais ainda não diziam nada, mas as abelhas já sabiam de tudo. Só no quarto dia elas saíram para voar.

As abelhas não são metáforas de nada. Elas são *personagens* em meio a este multiverso infinito de variações. Também vítimas de um mesmo acidente que destrói as condições de sobrevivência em meio a uma zona crítica capaz de hospedar a vida. É nesta fina película, "zona crítica" regida por um equilíbrio metaestável sempre em transformação, mas de cuja fragilidade depende a existência da vida, que parecem viver os povos indígenas.

8. Cosmograma Edenista: a *abstração transcendente*. Com o monoteísmo, surge a transcendência. Segundo Jaspers (1965), em um evento histórico surpreendente de encontro entre civilizações que dá início à era Axial. A partir dele, há diversas leituras, de Voegelin (2014) a Sahlins (2022), entre outros. A transcendência, como já percebia Nietzsche, cria o *além-mundo*. É preciso, neste caso, retomar a diferenciação fundamental entre indígenas e edenistas: enquanto estes têm a

"sobrenatureza" *na* imanência, como verso, os edenistas descartam a sobrenatureza (enquanto superstição ou idolatria), criando um "mundo real" transcendente. O surgimento do monoteísmo e a distinção mosaica (Assman, 2021; Voegelin, 2014; Strathern, 2019), seguida do *Logos* grego, o Deus cristão e o Espírito (*Geist*) moderno, que é uma "aterrissagem" das dimensões teológicas capaz de carregar suas versões anteriores na forma de *introjeção*, por meio de conceitos como "consciência" e "mente", e *extrojeção* final, na forma da *razão realizada* na filosofia hegeliana. Na última hipótese, temos o que Denise Ferreira da Silva (2020, p. 194) chama de *poesis transcendental*, enquanto transparência integral do mundo ao sujeito. Nas suas palavras: "Quando todos os produtos da *poesis humana* – instituições sociais e produtos culturais – são reconhecidos como sendo também produtos do Espírito, enfim, quando a autoconsciência reconhece sua profunda intimidade com a força transcendental produtiva, ela alcança o momento da transparência".

9. A expressão edenismo corrige uma ideia equivocada que uma das suas variantes, o materialismo comunista, parecia carregar, pois havia o paradoxo de a mais materialista de todas as filosofias ser, ao mesmo tempo, a mais espiritualizada de todas. Afinal, no fim da história, realizada a tarefa de dominar a natureza – ou, em versões mais ecológicas, integrar-se ao "metabolismo" da Terra – a liberdade, vocação para a indeterminação do espírito, se materializa no tempo. Tempo livre, trabalho não-alienado. É verdade que o marxismo, de modo não-ingênuo, coloca as condições materiais de produção como um elemento decisivo para qualquer crítica e rechaçaria como perfumaria burguesa qualquer teoria que desprezasse o material

em nome de uma "espiritualidade" qualquer. Aliás, esta "espiritualidade" tem nome: *ideologia*. É nesse sentido que a teologia da libertação, rigorosamente edenista, entendeu perfeitamente o quanto a libertação espiritual cristã – a redenção – só ocorreria a partir da confrontação material, mesmo mantendo, ao contrário da dissolução naturalista do marxismo, um núcleo transcendente inconfundível com o humano (Deus). Longe da condição abstrata burguesa, a liberdade só se conquista a partir da luta concreta pelo pão (Levinas, 1934)

Mas é na espiritualidade que o edenismo quer chegar: é justamente por meio da libertação dos constrangimentos materiais, como o trabalho alienado, que se alcança o apogeu da epopeia do Espírito (*Geist*). Seguindo uma longa tradição aristotélica, o edenismo é uma filosofia da contemplação, em que o Espírito (*Nous*) é libertado dos seus empecilhos de desenvolvimento por meio da consciência e da luta de classes, culminando em uma revolução que buscaria alcançar a automação geral capaz de liberar o humano do trabalho *sem perder o luxo* (Frase, 2016; Bastani, 2019). Sua correção ao aristotelismo não é a tese em si, mas ao conformismo com que se aceita o *status quo* da dominação: a inteligência, ou o Espírito, sempre se estabelecem *para além do escravo*. A fundamental diferença é que enquanto Aristóteles se conformava com a escravidão entre os humanos, o marxismo se insurge contra ela em uma luta interminável que mapeia todos as formas possíveis de dominação para as erradicar e enfim constituir uma sociedade livre[6]. Ou seja, abolem-se todas as pos-

6 No entanto, um simondoniano perguntaria: não estaria a ideia de automação simplesmente concebendo, a partir do "mito do robô", a substituição da mão-de-obra escravizada humana pela automatizada? Ou será que o comunismo deveria se tornar um

síveis hierarquias em uma forma redentora que libera o Espírito (a liberdade, o *Nous*, o *Geist*, "General Intellect", podendo variar na sua configuração conforme a vertente[7]) (ver, por exemplo, Stiegler, 2004 e 2006).

Embora com inclinação um pouco distinta, Bensusan define, dentro da noção de "partidos cosmopolíticos", o edenismo:

> É o partido (cosmopolítico) de libertação da escravidão da *physis*. É um partido que mobiliza as forças que o capital desperta; o capital produz um ambiente onde tudo pode ser comandado. Do ponto de vista de Marx, as forças que o capital suscita permitem que uma comunidade forjada na produção seja capaz de controlar as forças naturais. Em contraste com os trabalhadores individualizados que compartilham não mais do que a terra, a comunidade anterior à produção ou a estrutura política forjada na distribuição ou registro da produção, o proletário está aberto às transformações da produção; o proletário é o reterritorializado na produção, ou seja, é aquele que é reterritorializado na desterritorialização - isso está além das relações humanas. A produção onde mora não tem restrições e no limite seu paraíso artificial é a produção sem registro - caça de manhã, pesca à tarde e crítica literária à noite. Deleuze e Guattari aproximam o proletário do esquizo que vive da pura produção. Aqui talvez se possa dizer que existe a direita e a esquerda da festa do paraíso artificial (ou festa Edenista) (Bensusan, 2020, tradução livre)[8].

"pancomunismo", como defende o personagem Mike Evans, de "O Problema dos Três Corpos"?

7 O marxismo que mais se aproxima do indigenismo, praticamente escapando ao edenismo, é aquele que reforça o peso da *comunidade* no *comunismo*, estabelecendo a utopia comunista a partir de uma reconexão com as tradições (ou seja, reencantamento), e não com sua destruição para enfim promover a libertação. É o caso, por exemplo, da filosofia singular de Federici (2022).

8 Acompanho por ora a nomenclatura de Bensusan no texto

10. O marxismo aponta o engodo liberal ao substituir a realidade social concreta por figuras abstratas de pensamento, adaptando problemas objetivos a ficções convenientes. Ou seja, seu formalismo convencionalista. Trata-se, ao contrário, de identificar todos os processos de dominação embutidos nas relações sociais para, a partir de uma análise material, estabelecer lutas concretas capazes de confrontá-los.

Com a revolução comunista, o edenismo finalmente se realiza: no paraíso terrestre, o Espírito finalmente é livre para habilitar todas as suas potencialidades, ou seja, *produzir de forma emancipada*. "Em lugar da antiga sociedade burguesa, com suas classes e antagonismos de classes", dizem Marx & Engels (1978, p. 112) "haverá uma associação na qual o livre desenvolvimento de cada um é condição do livre desenvolvimento de todos". Espírito, portanto, também como *promessa* ou esperança, por isso a extrema familiaridade e centralidade no tempo entre comunismo, milenarismo e messianismo (Benjamin, 1994; Derrida, 1994; Andrade, 2011; Agamben, 2005; Badiou, 2009).

O edenismo, por isso, é uma filosofia da *transcendentalização*[9] *do material*, isto é, depois de uma profunda e desencantada perspectiva racionalista do real (da "solidão cósmica" e sua filosofia existencial, de Pascal a Sartre), o Espírito retorna como uma potência humana cujos desdobramentos eram contidos pelos obstáculos da natureza: o *General Intellect* é infinitamente criativo,

mencionado, embora a noção de Éden remeta a uma "natureza intocada", o *Wilderness*, segundo outros esforços de cartografia cosmogramática como de Danowski e Viveiros de Castro (2014) e Thiel (2015).

9 Para não criar o horrível neologismo "transcendentização" usarei, como Alan Strathern, o termo "transcendentalização", embora a relação entre transcendente e transcendental seja deveras complexa.

único a habitar o "espaço de razões" em relação aos demais seres; em *Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari, o real torna-se fábrica e o desejo, produção. O mundo edenista, nos termos de Bispo dos Santos (2019), é sintético.

11. A noção de "naturalização", que atravessa o vocabulário da filosofia e das ciências humanas, abarca toda essa dimensão, uma vez que a naturalização remete tanto à dominação da natureza sobre o humano ("natural", necessária) quanto, simultaneamente, à dominação do humano sobre o humano ("cultural", contingente) (Danowski e Viveiros de Castro, 2014, pp. 147-148). Assim, quando alguém reivindica, por exemplo, alguma transformação cultural, opera por meio da desnaturalização: "*isso não é natural, é da ordem da convenção, pode ser transformado...*", como se o natural, mantido na sua constituição, seguisse sendo a instância demarcatória dos limites do Espírito (o cultural). Por isso mesmo, a metodologia é *crítica*: a exposição das naturalizações. É preciso negativar as formas naturalizadas para, a partir da luta, dominá-las, invertendo a relação entre mestre e escravo. Se o seu tecido de fundo ontológico se autodenomina justamente como *naturalista* (Descola, 2016; Marques, 2011) é apenas para realçar que o Espírito deve ser libertado de qualquer constrangimento transcendente.

Uma vez desfeitas as naturalizações, portanto, o mundo passa a ser do Espírito: eis-nos agora finalmente livres! A distância entre Marx e Hegel não era tão grande quanto se imaginava[10]... Enfim, o Espírito não é imanente porque isso seria o retorno das fantasmagorias fetichistas, caindo na superstição e na ideologia dos antigos espíritos inscritos nas coisas que limitavam

10 Ver, por exemplo, Hagglund, 2020 e, em tom crítico, Danowski e Viveiros de Castro, 2014 e Silva, 2022.

a liberdade humana. *Um bom materialista não deveria acreditar em fantasmas* (Derrida, 1994). O Espírito acontece enquanto *introjeção* da transcendência, formando o humano, e *extrojeção* na História. O Espírito não pertence a outro mundo suprassensível, como postulava a religião enquanto ideologia (a ideologia das ideologias), mas ao paraíso terrestre que finalmente conquista aquilo que figurava desde sempre como promessa – o Éden, abundância infinita à disposição do espírito enfim *livre e emancipado*, no futuro aqui ou no outro mundo. Não é o objeto em si (imanência) que importa, mas ele enquanto *obra do Espírito*, enquanto reflexo/produto da sua potência humanizada. O mundo se torna banhado pelo Espírito construtor, *terraformador*. Em cada objeto o rastro humano do Sujeito.

12. Edenismo, portanto, como espécie de teologia monoteísta libertária na forma secularizada: Deus nada mais é que o espírito humano que projetava sobre uma entidade transcendente e/ou sobrenatural suas próprias potencialidades, uma vez que obscurecida pela dominação das tradições reificadas. Uma vez emancipado o sujeito (ou a comunidade de comunicação etc.), Deus – a onipotência -- se revela no humano, mesmo que em formas mitigadas da produção. Feuerbach tinha razão: a teologia é o epifenômeno de uma antropologia filosófica.

No máximo, de volta a Kant, forma-se uma solução de compromisso em forma de aliança entre ateus e crentes, permanecendo como resíduo a *fé* enquanto cláusula de reserva que não permite a realização total do Espírito na terra[11]. Afinal, não temos como saber

11 O caso da Encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco, merece um exame particular pela sua relação tipicamente Edenista de evitar o "sufocamento na imanência" ao mesmo tempo em que propõe

se existe o outro lado. Ter ou não fé é uma decisão. É o comunismo aberto, aquele que não se deixa fechar pelo totalitarismo porque abre espaço ao impossível, ao porvir. Nesse caso, a transcendência do Espírito, interpretada pelos materialistas como epifenômeno da inteligência humana liberta dos obstáculos da dominação, fica como uma reserva mística insondável, à maneira da teologia negativa (Nancy, 2006). A teologia progressista, aliás, cada vez mais se afasta – para horror dos conservadores – do Deus ontológico tomista. O compromisso religioso é *ético* (Levinas, 2005,pp. 31-33; 2011, p. 24), e a experiência do outro mundo é questão privada reservada à presença ou ausência de fé em cada um. Até mesmo a imortalidade da alma é aqui disputável.

13. Digitalista: abstração imanente. Se o edenismo inventa a transcendência, o digitalismo reinventa a imanência. O mundo desencantou-se, não há mais espíritos cruzando as existências. Mas é preciso criar algo que permita retomar os poderes que a promessa edenista reservou unicamente a Deus – ou sua versão secular e "materialista", o humano –, que circulavam no mundo indígena por meio de trocas naturais e sobrenaturais. Os espíritos evanesceram, o Espírito segue longe, jogado no futuro, o que fazer? Surge então a *aterrissagem* do Espírito: aquilo que só vale pelo que não é, mas tem forma material: a moeda.

Segundo Deleuze e Guattari, em contraponto à inscrição em formas sociais territoriais, o capitalismo liberta os fluxos da sua submissão às formas verticais. Contudo, seguem os filósofos, "quando a conjunção passa para o primeiro nível na máquina social, parece

preocupações materiais. Ver, por exemplo, Viveiros de Castro & Danowski, 2020.

que ela deixa de estar ligada ao gozo, assim como ao excesso de consumo de uma classe, parece que ela faz do próprio luxo um meio de investimento, e assenta todos os fluxos descodificados sobre a produção, num 'produzir por produzir' que reencontra as condições primitivas de trabalho, mas com a condição, com a única condição de conectá-las ao capital como ao novo corpo pleno desterritorializado (...)" (Deleuze & Guattari, 2010, p. 298). O luxo, que era um fenômeno sobrenatural e eventual[12], torna-se a ponta de uma flecha que se encontra consigo mesma no alvo.

Aqui, o capitalismo deixa de ser considerado como um fundo geral das relações mundiais "globalizadas", contíguo a *n* formas políticas, e passa a ser tomado como cosmograma, convertido na sua forma ontológica numérica ou digital[13]. Sua característica principal é a imanentização do Espírito (*Nous*), isto é, da capacidade abstrata de fazer circular em cada vez maior escala sem referência específica a uma materialidade concreta. Esta escalabilidade é dada pela *moeda*, que permite ser um conector, uma dobradiça, entre a imanência (pois o dinheiro é poder aqui e agora, não pressupõe nenhuma transcendência) e a abstração (que se desespiritualiza totalmente, materializando-se no dinheiro). A imanência do capitalismo junta-se ao mundo não-Axial no qual o poder circulava: nem a onipotência do *logos* divino, a soberania absoluta do Patriarca (o suprema-

12 A "Parte Maldita", de que fala Bataille (1975), é identificada com o luxo, mas todas as suas demonstrações nas economias não-capitalistas mostram circunstâncias acontecimentais, intensivas, não apenas crescimentistas, extensivas. Seu exemplo com as festas, por definição eventuais, como dispêndio sem reserva é ilustrativo. O mesmo poderia ser dito das diversas experiências intensivas, em geral corpóreas, que não se confundem com a acumulação abstrata de capital.

13 Sobre o tema, por exemplo, Ludueña Romandini (2020), Pasquinelli in Castellano & Raposo (2019); Mbembe, 2021.

cismo, de quem falarei em seguida), nem a *promessa* de redenção na espiritualização da abundância edênica. O poder é marcado, finito e circular.

14. Em contraste com o animismo, contudo, o mundo digital está morto, não tem vida, se desespiritualizou, *desencantou*. A imanentização do Espírito já pressupõe a destruição dos espíritos. Ele faz circular o *Nada* (*nihil*) que é a diferença entre o objeto-moeda e o valor-moeda, sua absoluta fungibilidade porquanto sem lastro material algum. Imanente, *deste mundo*, e plenamente abstrato, sem qualquer resíduo de concreção local, comunitária ou espiritual. A imanência do capitalismo a que se referiam Deleuze & Guattari não constitui, como pensava Mbembe (2021), um novo animismo. Ao contrário, é um *inanimismo*. Mas, agora com Mbembe (2021, p. 183), estamos no "mundo zero". Trata-se do sequestro para formas imanentes justamente daquilo que supostamente não se deixaria capturar, pois as "desencantou": o Espírito. Enquanto os animismos tornam tudo banhado de espíritos, diasporizando a agência, o digitalismo produz um niilismo capital: é o próprio Espírito, o vazio-mor do humanismo e equivalente secularizado da onipotência divina, que o digitalismo imanentiza na moeda. Tudo imediatamente está morto: enquanto o edenismo transforma tudo em Sujeito, nos moldes do Espírito Absoluto hegeliano, o digitalismo transforma tudo em Objeto/Mercadoria, inclusive o próprio Sujeito. O animismo não tem relação alguma nem com sujeito nem com objeto: nele, tudo é pessoa.

15. Deleuze & Guattari ainda afirmam que "os economistas capitalistas não se enganam ao apresentar a economia como o que se 'monetariza' perpetuamente,

como se fosse sempre preciso insuflar de fora moeda viva de acordo com a oferta e a procura. Porque é bem assim que todo o sistema se mantém e funciona, e preenche perpetuamente sua própria imanência. É assim que ele é objeto global de um investimento de desejo" (2010, p. 317). Ou seja, a disputa entre os "monetaristas" ou "ortodoxos" e aqueles que desejam assinalar a natureza *política* da economia não é apenas uma disputa pelo verdadeiro e o falso, mas um *contencioso ontológico* que separará os digitalistas dos edenistas. Imputar falsa consciência aos digitalistas significa recuperar como obrigatório um *framework* humanista na base, como se a "consciência" pudesse ser ao fim e ao cabo o árbitro ontológico. Ao optar pelo número, o digitalismo simplesmente repovoa o universo de mais entidades que apenas o Espírito e os objetos, mas – curiosamente – adota o niilismo como ponto de chegada, uma vez que o número está morto e ao lado do não-ser. Repovoa o mundo humano com mortos usando a feitiçaria jurídica (Nodari, 2023) ou, mais recentemente, ciberativista (Land)[14].

16. Assim, não é coincidência que a inteligência, geralmente associada ao Espírito, hoje esteja ligada

14 O aceleracionismo incondicional de Nick Land (2017) deixa clara essa polaridade, ao inverter os polos progressista/reacionário para colocá-lo em termos de fluxos versus Catedral, revelando o humanismo residual da esquerda política, mesmo depois de atravessar a cibernética. De fato, a disputa entre os aceleracionistas de esquerda (l/acell), como Fisher, Srnicek e Williams, e o aceleracionismo incondicional (u/acell) de Land parece ter como núcleo quem é o sujeito do processo: em um caso, o Espírito; em outro, o capital. Aliás, leituras ainda mais sofisticadas que o l/acell, como de Negarestani (2020), admitem que pretendem restabelecer o humanismo em outros termos. Na minha perspectiva, não há juiz metaontológico ou transcendental capaz de resolver o problema: trata-se da disputa entre duas cosmografias sem eixo comum, "os muitos mundos" do pluriverso de Marisol de la Cadeña e Mario Blaser (2018).

ao capital. A tecnoplutocracia que vivemos está diretamente ligada à imanentização do Espírito na forma abstrata. As grandes corporações de tecnologia estão embrenhadas no projeto *transhumanista* de superação dos limites biofísicos do corpo humano (Ludueña Romandini, 2010; idem, 2020; Pinto Neto, 2019). O corpo, afinal de contas, ainda é material e finito. Nesse caso, o projeto de *imanentização do Espírito* coloca-se nos seus termos mais claros. O dinheiro era apenas uma forma primitiva do digital. Sua capacidade de *codificar a equivalência* trazia o espiritual para uma forma imanente, mas nunca idêntica ao objeto mesmo. O dinheiro é exatamente aquilo que vale pelo que não vale, isto é, o objeto em si (metal, papel, número) só significa enquanto não significa a si próprio, mas *outro*. Esse outro é justamente a imanência ausente daquele significante zero das trocas simbólicas (ver também Mbembe, 2021).

Também não é à-toa que, em geral na forma de *crítica cultural*, em geral o edenismo despreza o materialismo vulgar do digitalismo: de fato, a associação entre elitismo cultural e políticas do espírito é reveladora quanto à verdadeira natureza do edenismo. É por ser pouco "espiritual", por exemplo consumista, idolátrico ou "simbolicamente miserável", que o capitalismo é desprezível (por exemplo, Stiegler, 2006). O edenismo desejará liberar o Espírito da sua prisão na imanência do digital, permitindo-lhe novamente tomar as rédeas e realizar suas potências. Emancipar o Espírito, tornar enfim a consciência escrava em consciência libertada. Isso o edenismo chama de *política*[15].

15 Compare-se, por exemplo, Land (2018) e Paraná (2020) acerca da bitcoin, em que Land defende explicitamente o Bitcoin como "solução" para o problema transcendental, liberando o capital da forma humanista, enquanto Paraná reivindica, na direção diametralmente oposta, a politização da moeda, atacando seu

17. Supremacista, a *concreção transcendente*. No supremacismo, a transcendência converte-se em soberania, comandada pelo grande Monarca (e patriarca) cósmico e seus eleitos. Supremacismo é o *cosmograma dos brancos* que, como afirma Viveiros de Castro, são uma categoria etnopolítica mais que uma realidade pigmentar (também Silva, 2022; Mbembe, 2021)[16].

Em relação aos brancos, se poderia citar os estudos de branquitude (Dorlin, 2020) e a antropologia reversa dos indígenas (Kopenawa & Albert, 2015) para situá-los. Por supremacismo, portanto, podemos entender a ideia de que existe um marcador específico que torna uma franja da população superior às demais, justificando a dominação pela força, a escravização e o extermínio dos subalternos. Ao longo do tempo, muitos marcadores existiram. O marcador fundamental que aqui divide os povos, que *concretiza a transcendência*, é a raça (Silva, 2022), mesmo que às vezes encoberto, sobretudo hoje em dia, pelo véu da nação. O supremacismo é sobretudo uma divisão entre raça superior e raças inferiores. O nazismo é apenas um dos seus casos. A superioridade racial pode aparecer modulada sob muitas faces, embora certamente no caso dos EUA e da KKK, por exemplo, esteja tão escancarado quanto no caso alemão nazista.

caráter tecnocrático atual.

16 "Branco", categoria etnopolítica muito mais que racial ou pigmentar (ainda que sua motivação histórica seja óbvia), traduz as muitas palavras das mais de 250 línguas ameríndias faladas em território brasileiro que se referem a todas aquelas pessoas e instituições que não são indígenas. Essas palavras têm vários significados descritivos, mas um dos mais comuns é "inimigo". Neste caso, quando elas são empregadas sem determinativos, designam o inimigo por excelência, o Branco (por exemplo, *napë* em yanomami, *kuben* em kayapó e *awin* em araweté)" (Viveiros de Castro, 2019).

18. Por vezes, os brancos buscam se autodenominar "tradicionalistas" (Sedgwick, 2020; Teitelbaum, 2020). Mas a nomenclatura concede a eles aquilo que justamente seu imaginário megalômano busca recuperar: uma Era de Ouro da pureza racial e étnica, o Reinado do todo-poderoso Monarca cósmico para o qual é preciso voltar e lutar contra as degenerescências materialistas desencantadoras (digital e edênica) ou a impureza das raças inferiores (indígenas). Como afirma Mbembe, o "entusiasmo pelas origens se alimenta de uma sensação de medo provocado pelo encontro – nem sempre material; na verdade, sempre fantasmático e em geral traumático – com o outro" (2020, p. 57). O receio reativo contra o cosmopolitismo liberal é sintoma da estrutura mesma do supremacismo branco, que pressupõe a colonização e seu parceiro ancestral, o antissemitismo (Ginzburg, 2012, pp. 75-76; Arendt, 1989, p. 48), como pontos de partida.

Não é a uma tradição ancestral-local que se volta, reimaginando o futuro numa disjunção que se comunica com os espectros (como o "passado por vir" de Viveiros de Castro e Danowski, 2020). É a materialização do projeto de domínio absoluto branco do mundo, levado a cabo pelo colonialismo e pela insígnia de superioridade sobre os demais povos, que é aqui visada. Extermínio, guerra ou indiferença são formas possíveis de relação com a alteridade, dependendo do que melhor convém para afirmar a supremacia. O supremacismo não existe alheio à Modernidade, como algo prévio ou exterior: ele é a *revolta ressentida* no seu interior, aquilo que Reich definia como "conceitos reacionários juntando-se a uma emoção revolucionária".

Entendo esse como um ponto essencial: o supre-

macismo é um fenômeno da Modernidade declarada na sua forma *invertida*, e não algo externo a ela. Ele é uma espécie de parasita criado pelo ressentimento: não sabe conviver com a alteridade senão para negá-la. Tampouco existe fora da Modernidade senão como seu lado sombrio, como aquele que nega a Luz e a Razão tomando os termos pelo seu inverso. Não se trata de nada pré-moderno: é a Modernidade na sua face sombria, recalcada pelas edificações civilizatórias, no seu "corpo noturno" (Mbembe, 2021, p. 35), que aparece nua. Afinal, quem poderia negar o "racismo científico", por exemplo, como produto da Modernidade? Sem a edulcoração intelectual, a disputa entre povos e raças aparece finalmente exposta, tal como já havia sido escancarada no nazismo. Não é a tecnologia ou o capitalismo o adversário: é o *outro não-branco*, a *alteridade*, que precisa ser subjugada ou destruída (Silva, 2022).

19. A ancestralidade supremacista, por isso, jamais se confunde com a ancestralidade indígena (inclusive africana): enquanto as segundas constituem formas de encantamento do mundo (Simas & Rufino, 2020; Galdino, 2020; Mudimbe, 2019; Falola, 2020), a primeira remete a um passado idílico apenas para resolvê-lo em um apocalipse purificador. A ancestralidade africana, por exemplo, *está em movimento*, produzindo "descontinuidades através de uma continuação dinâmica" (Mudimbe, 2019, p. 313), como o exemplo afrofuturismo ilustra bem. A ancestralidade supremacista, ao contrário, é um passado imaginário construído como *backlash*: pensar o passado pela via da purificação racial significa já ter passado por um mundo em que a Civilização operou seus efeitos. Os nazistas já sabiam: "a característica do nazismo (e em muitos aspectos do fascismo italiano) é a de ter proposto o seu próprio movimento,

a sua própria ideologia e o seu próprio Estado, como a realização efetiva de um mito, ou como um mito vivo. Rosenberg o afirma: Odin morreu, mas de outro modo, como essência da alma germânica" (Lacoue-Labarthe & Nancy, 2002, p. 47). Em contraponto, Mbembe afirma, por exemplo, que "nas tradições africanas antigas (...) o ponto de partida da interrogação não é a questão do ser, mas a da relação, da implicação recíproca, isto é, da descoberta e reconhecimento de uma outra carne para além da minha". Enquanto a civilização europeia imagina um novo começo absoluto, passando o Ser pela "purificação pelo fogo", a questão africana é de "co-composição, de abertura para outro lugar de uma outra carne, de reciprocidade entre múltiplas carnes e seus múltiplos lugares e nomes" (Mbembe, 2020, p. 55)[17].

Isso não significa negar a ancestralidade aos europeus: Silvia Federici (2017) e Svetlana Aleksiévitch (2016) e, sobretudo, Carlo Ginzburg (2012), por exemplo, não cansam de nos mostrar a experiência indígena europeia nos camponeses de Chernobyl ou nas bruxas do Sabá. No supremacismo existe uma introjeção da sobrenatureza na forma opositivo-subalterna, enquanto aquilo que deve ser caçado, perseguido e exterminado por se opor à transcendência-soberana, ao Monarca cósmico e seus eleitos[18]. A ancestralidade recriada pelos supremacistas, ao contrário, já é marcada pelo signo colonial da Modernidade. Sua volta ao passado é, na verdade, uma purificação final que transcendentaliza as materialidades modernas, não por acaso coincidin-

17 Ver também Derrida (1987), Nancy & Lacoue-Labarthe (2002), Pinto Neto (2019).

18 A sobrenatureza é, sobretudo, a zona da antropofagia (Ginzburg, 2012, pp. 94-95). Também Andrade (2011) e Viveiros de Castro (2024).

do com o conceito que substitui os povos sob a forma unificada e o paradigma do Estado: a nação.

20. O que impressiona no supremacismo, aliás, é justamente sua ausência de abstração para pensar a transcendência. "Contra essas identidades dissolvidas na abstração", dizem Nancy e Lacoue-Labarthe referindo antes as formas que abstratas que o absoluto recebia da filosofia moderna, "o mito [nazista] designa a identidade como diferença própria e a sua afirmação" (2002, p. 49). Ele busca resolver a contradição de a transcendência se situar numa comunidade materializada. Assim como no nazismo, que é um dos casos do supremacismo, "lança-se mão implicitamente não de um *logos*, mas de um espécie de enunciação mítica, que no entanto não é poética, mas que busca toda sua energia na potência nua e imperiosa da própria afirmação" (Lacoue-Labarthe & Nancy, 2002, p. 48).

O supremacismo se define por oposição: ele constitui um povo para excluir todos os demais, elevando-se como soberano eleito. "Como os judeus", diz Arendt (1989, p. 226), "acreditavam firmemente que eram o povo escolhido, com a diferença fundamental de que haviam sido escolhidos não para a divina salvação da humanidade, mas para a ociosa dominação de outra espécie, condenada a um trabalho forçado (...)". É nessa forma encarnada que está a transcendência e exatamente por isso ela coincide com suas materialidades. Ousaria comparar a fórmula da "materialização do transcendente" com o que Mbembe chama de "consumação do divino", quando "Deus deixará de ser um mistério. Será dali em diante possível chegar à Sua verdade, sem mediação, na mais absoluta transparência. Conclusão, finitude e revelação, por muito tempo sepa-

rados, serão enfim reunidos" (2020, p. 61).

21. O supremacismo difere-se do digitalismo devido à abstração igualitária e indiferente aos corpos do último. Aqui está a verve tipicamente antissemita do supremacismo, associando a diáspora judaica à vulgaridade do dinheiro e ao desenraizamento dos povos nômades, embora saibamos que o messianismo judaico está localizado no cosmograma edenista, não no digitalista, uma vez que a emancipação final se dá em uma relação com a transcendência (Arendt, 1989, p. 96, 173)[19]. O digitalismo imanentiza o Espírito tornando-o circulável; o supremacismo o aniquila transformando o material – o corpo da raça eleita – em transcendência (Monarquia cósmica), eliminando toda e qualquer espiritualidade em prol da obediência.

22. O supremacismo difere-se também, por esse mesmo motivo, do edenismo, pois não se espiritualiza. O Espírito despreza as imagens e a imanência, tanto na sua forma monetária (idolatria), quanto na forma indígena (superstição). Na verdade, a transcendência é que ganha forma material, encarnando-se na soberania dos eleitos. Os mortais tornam-se deuses encarnados, aristocracia do sangue e da raça. "O racismo como ins-

19 "Si bien el liberalismo de los últimos siglos ha escamoteado el aspecto dramático de esa liberación, ha conservado, no obstante, un elemento esencial bajo la forma de la libertad soberana de la razón. Todo el pensamiento filosófico y político de los tiempos modernos tiende a situar al espíritu humano en un plano superior a lo real, creando un abismo entre el hombre y el mundo. Al hacer imposible la aplicación de categorías del mundo físico a la espiritualidad de la razón, la modernidad sitúa el fondo último del espíritu fuera del mundo brutal y de la história implacable de la existencia concreta. Substituye el mundo ciego del sentido común por el mundo reconstruido por la filosofía idealista, bañada de razón y sometida a la razón. En lugar de la liberación mediante la gracia, tenemos la autonomía, y, sin embargo, el leitmotiv judeocristiano de la libertad la penetra" (Levinas, 1934).

trumento de domínio", diz Arendt (1989, p. 225), "foi usado nessa sociedade de brancos e negros antes que o imperialismo o explorasse como ideia política. Sua base e sua justificativa ainda eram a própria experiência, uma terrível experiência de algo tão estranho que ficava além da compreensão e da imaginação: para os brancos foi mais fácil negar que os pretos fossem seres humanos". Mas, segue a filósofa, "a despeito de todas as explicações ideológicas, o homem negro teimosamente insistia em conservar suas características humanas, só restando ao homem branco reexaminar sua humanidade e concluir que, nesse caso, ele era mais que humano, isto é, escolhido por Deus para ser o deus do homem negro".

No edenismo, é a *potência* divina (o humano, a razão, a produção), entendida de modo abstrato, que se liberta da opressão e pode operar sobre a matéria. Ou seja, enquanto no edenismo *transcendentaliza-se o material*, iluminando o mundo desencantado com a potência humana do Espírito, no supremacismo *materializa-se o transcendente*, convertendo o Espírito em uma raça suprema.

23. Finalmente, o supremacismo se opõe ao indigenismo pela relação com a alteridade: com ou sem guerra, o indigenismo se define pela relação com o outro, enquanto o supremacismo é a afirmação irrestrita do Um/Ser. Se a relação com a alteridade existe, é apenas na modalidade da submissão ou aniquilação. Mais uma vez: o supremacismo não é a volta às origens remotas não-axiais da Europa, mas o lado sombrio da Modernidade que cria sua própria mitologia para sustentar um mundo pós-Axial que se baseia no mito da superioridade racial dos brancos.

O supremacismo incorpora a alteridade para negá-la. "De um ponto de vista político, o nacionalismo tribal está rodeado por um 'mundo de inimigos, 'um contra todos', e que há uma diferença fundamental entre esse povo e todos os outros" (Arendt, 1989, p. 258; também Mbembe, 2021, p. 92). Não há supremacismo sem alteridade, mas ele se define exatamente pela aniquilação da alteridade na forma de guerra, vitória e aniquilação – pelo *altericídio*. O supremacismo carrega a lógica ocidental do Um/Ser que é, na verdade, o par dialético assimétrico entre o-que-é-digno e o-que-é--indigno, dicotomia entre superior e subalterno que Jacques Derrida, por exemplo, tornou dos principais motivos do pensamento da desconstrução. No diagrama racial, o supremacismo incorpora a sobrenatureza e o encantamento, mas como algo a ser *destruído*, surgindo então a mitologia dos demônios dentro do seu pensamento maniqueísta. Ou seja, o "pagão" – e suas figuras mais pejorativas, como a feiticeira, a bruxa, o adorador do diabo – é incorporado pelo mecanismo de *inclusão exclusiva*, ou *captura fora*, tal como Agamben (2002, p. 36), inspirado em Nancy e Derrida, desenvolveu acerca do *homo sacer*, pensando-o a partir do *bando*. Concretamente, a perseguição aos indígenas pelos supremacistas pode ser ilustrada desde o Tribunal da Inquisição, que atuou ativamente no tempo moderno, até as destruições de terreiros promovidas por evangélicos fundamentalistas.

24. A partir das relações entre concreção, abstração, transcendentalização e imanentização, poderemos perceber que existem mundos vazios de Espírito e cheios de espíritos (indígenas), mundos vazios de Espírito e espíritos (digitais, na forma imanente e supremacistas, na forma transcendente), mundos cheios de Espírito e

vazios de espíritos (edenistas).

	Espírito	espíritos	
Indígenas	-	+	Imanência
Edenistas	+	-	Transcendência
Digitalistas	-	-	Imanência
Supremacistas	-	-	Transcendência

Ainda jogando com as possibilidados de cruzamentos cosmogramáticos a partir de uma leitura estrutural-comparatista, poderíamos dizer que, enquanto o digitalismo produz uma imanentização do Espiritual, o edenismo produz uma transcendentalização do material. O indigenismo produz uma espiritualização do imanente; o supremacismo, uma materialização do transcendente.

Digitalismo	Imanentização do Espiritual
Edenismo	Transcendentalização do Material
Indígenas	Espiritualização do Imanente
Supremacismo	Materialização do Transcendente

É preciso, contudo, desfazer uma confusão possível. O "Espiritual" que o digitalismo imanentiza não é o mesmo da espiritualização indígena. Trata-se da

produção, do fazer humano enquanto antropologização dos atributos divinos da transcendência. Ou seja, o digitalismo opera *sobre* o edenismo, independente de quem veio historicamente antes – no caso, bastaria inverter a ordem. Já a "espiritualização" indígena tem o sentido de *encantamento*, atuando, portanto, no sentido de animar o mundo inanimado do digitalismo – considerando os conflitos cósmicos como algo do presente, não apenas como uma linha evolutiva. O desencantamento coincide com o desaparecimento da sobrenatureza, que é substituída pela transcendência – a troca é substituída pela fé – e pelo inanimismo (natureza morta, mecanicismo, equivalência geral no zero). Logo, talvez seja necessária uma tabela suplementar:

	Transcendência	Sobrenatureza
Indígenas	-	+
Edenistas	+	-
Digitalistas	-	-
Supremacistas	+	+

Há ainda todo um roteiro de alianças possíveis entre eles, algumas óbvias (como digitalismo + supremacismo), outras mais difíceis (edenismo + indígenas), mas não há como esgotar todas essas questões aqui. O objetivo é traçar, em linhas gerais, as novas polaridades, e ofereço esse esboço de mapeamento cosmogramático como exercício para pensarmos os múltiplos mundos que habitam os nossos passados, presentes e futuros.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. **The Time that remains: a commentary on the Letter to the Romans**. Trad. Patricia Dailey. Stanford: Stanford University Press, 2005.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear.**

ANDRADE, Oswald de. A crise da filosofia messiânica. In: **A Utopia Antropofágica**. 4a. ed. São Paulo: Globo, 2011.

ASSMANN, Jan. **The Price of Monotheism**. Tradução Robert Savage. Stanford: Stanford University Press, 2010.

BADIOU, Alain. **São Paulo**: a fundação do universalismo. Trad. Wanda Brant. São Paulo: Boitempo, 2009.

BASTANI, Aaron. **Fully Automated Luxury Communism**. London/NY: Verso, 2019.

BATAILLE, George. A Noção de Despesa. In: **A parte maldita**. Trad. J. Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Trad. S. Rouanet. Brasília: Brasiliense, 1994.

BENSUSAN, Hilan. **Linhas de Animismo Futuro**. Brasilia: IEB/Mil Folhas, 2017.

BENSUSAN, Hilan. Cosmopolitical parties in a post-human age. **&&& Platform: the New Centre for Research and Practice**. Disponível em: https://tripleampersand.org/cosmopolitical-parties-post-human-age/. Acesso em 12.08.2021.

BENSUSAN, Hilan. Los partidos cosmopolíticos del paraíso artificial y de la infancia de las maquinas. **Das Questões**, Vol. 08, n°01, abril, 2020.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. 2ª ed. Brasília: Ayó, 2019.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu/PISEAGRAMA, 2023.

BLASER, Mario e CADEÑA, Marisol de la. Pluriverse: propos-

al for a world of many worlds. In: **A World of Many Worlds**. Durham and London: Duke University Press, 2018.

CHARBONNIER, Pierre; SALMON, Gildas; SKAFISH, Peter. Introduction. In: **Comparative Metaphysics**. London/NY: Rowman & Littlefield, 2016.

DANOWSKI, Deborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Desterro: ISA/Cultura e Barbárie, 2014.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. Trad. Luiz Orlandi. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

DERRIDA, Jacques. **De l'esprit: Heidegger et la question**. Paris: Galilée, 1987.

DERRIDA, Jacques. **Foi et savoir suivi de Le Siècle et le Pardon**. Paris: Seuil, 2001b.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx.** Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DESCOLA, Philippe. **Outras Naturezas, Outras Culturas.** Trad. Cecília Ciscato. Rio de Janeiro: Editora 34, 2016.

DORLIN, Elsa. **Autodefesa: uma filosofia da violência**. São Paulo: Ubu, 2020.

FALOLA, Toyin. **O Poder das Culturas Africanas**. Trad. Beatriz Filgueiras. Petrópolis: Vozes, 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo**: feminismo e a política dos comuns. Trad. Col. Sycorax. São Paulo: Elefante, 2022.

FRASE, Peter. **Four futures: visions of the world after capitalism**. London/New York: Verso Books (edição digital), 2016.

GALDINO, Victor. Aquilombamento Imaginal / realismo esclarecido. In: **Experimentos de filosofia pós-colonial**. Org. Cláudio Medeiros e Victor Galdino. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna: decifrando o Sabá**. Trad. Nilson Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HÄGGLUND, Martin. **This life: secular faith and spiritual freedom.** New York: Anchor Books, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HUI, Yuk. **The Question concerning Technology in China: an essay in Cosmotechnics**. Urbanomic, 2016.

JASPERS, Karl. **The Origin and Goal of History**. New Haven and London: Yale University Press, 1965.

KOPENAWA, D. & ALBERT, B. **A Queda do Céu: palavras de um xamã ianomami.** Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LACOUE-LABARTHE, Philippe. & NANCY, Jean-Luc. **O Mito Nazista**. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

LAND, Nick. A quick and dirty introduction to accelerationism. **JacobiteMag**. Disponível em: <https://jacobitemag.com/2017/05/25/a-quick-and-dirty-introduction-to-accelerationism/>, 2017.

LAND, Nick. **Crypto-Current: bitcoin and philosophy**, version 1.0, October 31, 2018. Disponível em: https://aksioma.org/pdf/sum10-2_cryptocene.pdf. Acesso em 5.4.2022.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno**. Trad. Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LEVINAS, Emmanuel. Quelques réflexions sur la philosophie de L'Hitlérisme. **Esprit**, novembre, 1934. Disponível em: https://esprit.presse.fr/article/emmanuel-levinas/quelques-reflexions-sur-la-philosophie-de-l-hitlerisme-32136. Acesso em 20.8.2021.

LUDUEÑA ROMANDINI, Fabián. **La comunidad de los espectros, I – Antropotecnia**. Buenos Aires: Miño D'Ávila, 2010.

LUDUEÑA ROMANDINI, Fabián. **Principios de Espectrología**: **la comunidad de los espectros, II**. Buenos Aires: Miño D'Ávila, 2016.

MARQUES, Victor. Contra a síndrome da casa tomada: ciência, filosofia e naturalismo dialético. **Semana Acadêmica do PPG de Filosofia da PUCRS**, VII Edição, 2011.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. In: LASKI, Harold. **O Manifesto Comunista de Marx e Engels**. Trad. Regina Moraes. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1, 2021.

MUDIMBE, V.Y. **A Invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Trad. Fábio Ribeiro, 2019.

NANCY, Jean-Luc. **La deconstrucción del Cristianismo**. ed. bilingue. Buenos Aires: Le Cebra, 2006.

NEGARESTANI, Reza. O Trabalho do Inumano. Disponível em: https://zazie.com.br/produto/reza-negarestani/, 2020.

NODARI, Alexandre. A função mágica do discurso: esboço para uma teoria geral do sujeito zero. In: **Humanos e Outros--que-Humanos nas Narrativas Amazônicas**. Org.: Heloisa Helena Siqueira et al. São Carlos: Castro, 2023.

PARANÁ, Edemilson. **Bitcoin: a utopia do dinheiro apolítico**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

PASQUINELLI, Matteo. Arcana Mathematica Imperii: a evolução das normas computacionais ocidentais. In: **Textos para uma História da Arte Socialmente Comprometida**. Org: Castellano & Raposo. Lisboa: Documenta, 2019.

PINTO NETO, Moysés. A animalidade contra o Estado. **Landa**, v. 8, n. 1, 2019.

PINTO NETO, Moysés. Dos espíritos aos espectros: ida, volta e reviravolta. **Das questões**. v. 9, n. 1, p. 116-136, 1 jun. 2020.

SAHLINS, Marshall. **The New Science of the Enchanted Universe:** an anthropology of most of humanity. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2022.

SEDGWICK, Mark. **Contra o Mundo Moderno:** o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Trad. Diogo Rosa. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

SHAVIRO, Steven. **Without Criteria: Kant, Whitehead, Deleuze and aesthetics**. Massachusetts: MIT, 2009.

SILVA, Denise Ferreira da. **Homo Modernus**: para uma ideia global de raça. Trad. Jess Oliveira e Pedro Dahner. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

SIMAS, Luiz Antonio. **O Corpo Encantado das Ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SIMAS, Luiz Antonio & RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre a política da vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

STENGERS, Isabelle. Reativar o Animismo. Trad. Jamille Pinheiro Dias. **Cadernos de Leitura**, 62, 2017. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2017/05/caderno-62-reativar-ok.pdf.

STIEGLER, Bernard. **Mécreance et discrédit**, 1 - La décadence des démocreties industrielles. Paris: Galilée, 2004.

STIEGLER, Bernard. **Mécréance et discrédit** - 3 - L'esprit perdu du capitalisme. Paris: Galilée, 2006.

STRATHERN, Alan. **Unearthly Powers: religious and political change in world history**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

SZERSZYNSKI, Bronislaw. Gods of the Anthropocene: geo-spiritual formations in the Earth's new epoch. **Theory, Culture & Society**, 0 (0), 2017.

TEITELBAUM, Benjamin. **Guerra pela Eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Trad. Cynthia Costa. Campinas: Editora da UNICAMP, 2020.

THIEL, Peter. Against Edenism. **First Things**, June 2015. Disponível em: https://www.firstthings.com/article/2015/06/against-edenism. Acesso em 20.08.2021.

VALENTIM, Marco Antonio. **Extramundanidade e Sobrenatureza: ensaio de ontologia infundamental.** Desterro: Cultura e Barbárie, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os involuntários da pátria**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/554056-povos-indigenas-os-involuntarios-da-patria>. Acesso em 19.2.2018, 2016.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Brasil, país do futuro do pretérito**. São Paulo: n-1, 2019. Disponível em: https://n-1edicoes.myportfolio.com/brasil-pais-do-futuro-do-preterito. Acesso em 24.08.2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Floresta de Cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 14/15, p. 319-338, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O matriarcado e o antropófago quase-transcendental, 2024. Disponível em: https://www.academia.edu/116256860/O_matriarcado_e_o_antrop%C3%B3fago_quase_transcendental. Acesso em 1.4.2024.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; DANOWSKI, Deborah. The past is yet to come**. e-flux**, Journal 114, December 2020. Disponível em: https://www.e-flux.com/journal/114/364412/the-past-is-yet-to-come/. Acesso em 12.08.2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo & HUI, Yuk. For a strategic primivism: a dialogue between Eduardo Viveiros de Castro and Yuk Hui. **Philosophy Today**, April, 2021. DOI: 10.5840/philtoday2021412394

Moysés Pinto Neto

Moysés Pinto Neto. Doutor em Filosofia (PUCRS), editor do canal Transe (www.youtube.com/transe) e da plataforma educacional Alternativa Hub (www.alternativahub.com). O presente texto está dentro da pesquisa *Política Especulativa: virada ontológica, imaginários futuristas e educação*, e compõe um esforço de longo prazo que abrange trabalhos anteriores como *O retorno da politica* (2019a) e *Quatro cenários para o Fim do Mundo* (2019b). Ele é, ao mesmo tempo, a *conclusão* dos trabalhos em torno das imagens de futuro e um esboço de projeto em andamento que pretende se tornar um livro em que seus pontos serão mais detalhados. Propõe-se como esforço de síntese ainda precária, sujeita a transformações e atenta às críticas para aperfeiçoar sua caracterização. Sua versão inicial foi publicada na revista *Dystopia*, hoje fora do ar, e a versão atual já fez diversas modificações substantivas.

ENTREVISTAS REALIZADAS PELO IHU COM MOYSÉS PINTO NETO

- Os projetos políticos da eleição brasileira de 2018 e os papéis da esquerda. (Im)previsões e análises
- Social-democracia. Limites e desafios da construção de novas saídas, hoje. Entrevista especial com Moysés Pinto Neto
- "A eleição de Lula foi o maior levante po-

pular do Brasil contemporâneo pela via do voto". Entrevista especial com Moysés Pinto Neto

- Desafios e prioridades do novo governo Lula. Entrevista especial com Lena Lavinas, Roberto Dutra, André Luiz Olivier da Silva e Moysés Pinto Neto
- O fracasso da esquerda e da direita e a urgência de uma agenda que coloque o meio ambiente como elemento estruturante. Entrevista especial com Moysés Pinto Neto
- "O Brasil conecta-se com o horizonte da pós-verdade". Entrevista especial com Moysés Pinto Neto
- "O PT sabe que precisa do antipetismo para manter sua hegemonia política". Entrevista com Moysés Pinto Neto
- Da incerteza radical à necessidade de se construir uma alternativa progressista. Entrevista especial com Giuseppe Cocco e Moysés Pinto Neto
- O interminável Junho de 2013. Entrevista especial com Moysés Pinto Neto
- Tensão e sombras após o julgamento do STF e a apressadíssima ordem de prisão de Lula. Entrevistas especiais com Adriano Pilatti, Roberto Romano, Rudá Ricci, Ivo Lesbaupin, Bruno Lima Rocha, Moysés Pinto Neto e Robson Sávio
- 'Assim como tem a crise da esquerda, há uma

crise brutal da direita'. Entrevista com Moysés Pinto Neto

- Perspectivismo político e pragmatismo radical como alternativas à crise política. Entrevista especial com Moysés Pinto Neto
- Tudo que se refere à eleição de 2018 é sintoma da gravidade da crise política. Entrevista especial com Moysés Pinto Neto, Rodrigo Nunes e Caio Almendra
- Muros do condomínio esquerdista transformados em pontes de diálogo pragmático com a maioria inconformada. Entrevista especial com Moysés Pinto Neto
- Uma saída pragmática, sem vestir vermelho, poderá promover grandes mudanças para a crise brasileira. Entrevista especial com Moysés Pinto Neto
- Da incompreensão das ruas à judicialização da política brasileira. Entrevista especial com Moysés Pinto Neto
- A política brasileira com as vísceras expostas. Entrevista especial com Moysés Pinto Neto
- Crise política e a desconstrução do país. Entrevista especial com Moysés Pinto Neto

ARTIGOS DE MOYSÉS PINTO NETO REPRODUZIDOS PELO IHU

- Filósofo critica palestra de guru conservador em Porto Alegre: "A extrema direita é recorrentemente normalizada". Entrevista com

Moysés Pinto Neto

- IHU Cast – "O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia", de Félix Guattari e Gilles Deleuze | Prof. Dr. Moysés Pinto Neto
- Polêmica. Como Lula pode nos tirar do buraco. Artigo de Moysés Pinto Neto

PUBLICAÇÕES DE MOYSÉS PINTO NETO NO IHU

- Junho de 2013 – Cinco Anos depois. Demanda de uma radicalização democrática nunca realizada. Revista IHU On-Line Nº. 524
- A esquerda e a reinvenção da política. Um debate. Revista IHU On-Line Nº. 523
- A volta do fascismo e a intolerância como fundamento político. Revista IHU On-Line Nº. 490
- Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? Artigo de Moysés Pinto Neto. Cadernos IHU ideias Nº. 259
- Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo. Artigo de Moysés Pinto Neto. Cadernos IHU ideias Nº. 245

Eventos com Moysés Pinto Neto no IHU

- 'O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia' de Félix Guattari e Gilles Deleuze
- 4º Ciclo de Estudos – A reinvenção da política

no Brasil contemporâneo. Limites e perspectivas

- Perspectivismo Político e Pragmatismo Radical. Possibilidades para a reinvenção da política
- A desidentificação da esquerda como possibilidades na política brasileira
- Os projetos políticos da eleição brasileira de 2018 e os papéis da esquerda. (Im)previsões e análises

CADERNOS IHU IDEIAS

N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
N. 07 Mundos televisivos e sentidos identiários na TV – Suzana Kilpp
N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
N. 18 Um itinenário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
N. 38 Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de "A Teoria da Classe Ociosa" – Leonardo Monteiro Monasterio
N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
N. 46 "Esta terra tem dono". Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcelos da Costa
N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élida Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana María Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montaño
N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstoi – Thomas Mann – Alexander Soljenítsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
N. 131 A philía como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstroem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois" – Claudia Wasserman
N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
N. 158 "Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
N. 165 Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
N. 182 Censo 2010 e religiões:reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite") – Augusto Jobim do Amaral
N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Morais Campetti e Tiago Wickstrom Alves
N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta socialpor moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevian
N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fontoura Pinto Neto
N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governamento – Dora Lilia Marín-Díaz
N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
N. 250 A Liberdade Vigiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
N. 286 O "velho capitalismo" e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
N 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção:trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
N. 307 História de José, O Carpinteiro,como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualda-des sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschietti
N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
N 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswalfo Giacoia Junior
N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
N.336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
N. 337 O Direito e o Avesso - Fábio Konder Comparato
N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutyra de Paula Lima
N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à senciência artificial - Sylvain Lavelle
N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini

UNISINOS